

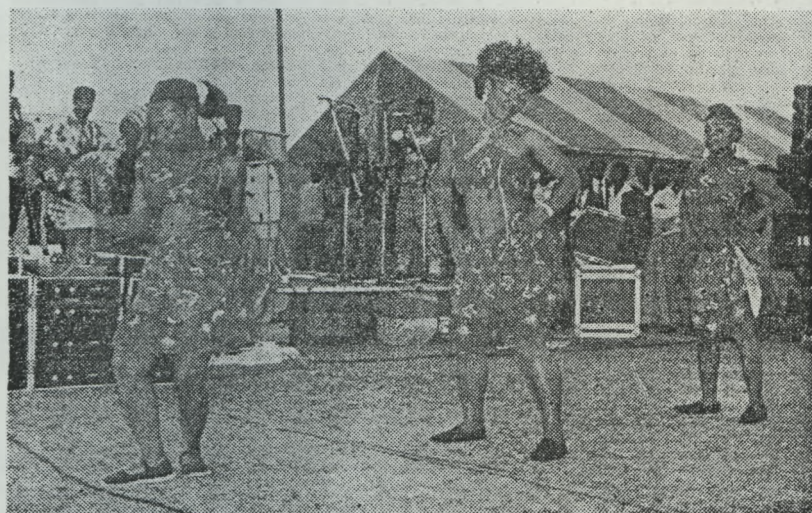
Domingo, 26/3/89

26.3.89

Marrabenta: como nasceu?

A controvérsia iniciada com a entrevista feita com Lisboa Matavele, na qual este velho trovador reivindicava a paternidade da marrabenta continua longe de estar terminada. Quando se pensava que em Dillon Ndjindji estaríamos perto da descoberta da verdade eis que Júlio Navarro entra na jogada para tentar repor a ordem e equacionar melhor os dados. Na mesma ocasião, Gideon Matsinhe e Moisés Ribeiro, cada um com o seu ponto de

vista, trazem novas contribuições ao debate: «A marrabenta foi inventada pelo povo», disseram ambos. Hoje, nesta edição, trazemos mais duas opiniões de outros tantos leitores sobre a Marrabenta. Um defendendo que ela é património nacional e o outro tentando situar melhor o jogo, localizando mais as suas origens à zona sul do País. Mas o leitor possui também, certamente, a sua opinião sobre o assunto, não é assim?



"Ka Phulana", Tlavana, Malanga. Xip,maine, etc.

No década de 40 já se dançava e de que maneira!!!

TENHO seguido com interesse a polémica sobre a marrabenta, primeiro pela entrevista de Lisboa Matavele e depois de Dillon Ndjindji, que vieram juntar-se a outras vozes.

Pelo que se disse, não teríamos mais nada a dizer, não fosse a incorrectão de certas afirmações e algumas distorções que transparecem ao longo das declarações inseridas na edição deste semanário, de 26 de Fevereiro último. Tendo vivido essa época, somos obrigados a vir a lume e tentar corrigir o que nos parece incorrecto ou errado, sem que, evidentemente, nos apedrejemos de mais conhecedores da matéria do que aquelas vozes.

Concordamos, na generalidade, não na totalidade, com o senhor Moisés Ribeiro. Na verdade, a marrabenta foi inventada pelo povo e não por alguém, especificamente. Suo que já não concordamos com ele quando diz que a marrabenta surgiu nos anos trinta.

Também o nosso amigo Guideon, dá uma boa cronologia dos antecedentes da marrabenta, mas, quanto a nós, comete dois erros: quando diz que o nome provém da correção com a palavra que os «mabandidos» davam («rebeantar») a pessoa inocentes.

O segundo erro, parcial, seria o de situar o aparecimento da marrabenta nos anos 50/51.

Dillon Ndjindji descreve mais pormenorizadamente o percurso das outras danças que precederam a marrabenta, demonstrando perfeito conhecimento do assunto, mas «perde-se» quando se auto-intitula de fundador.

Dillon Ndjindji será, simplesmente, o sobrevivente mais conhecido da geração de tocadores que mais difundiram e celebrizaram a marrabenta. Quanto a Lisboa Matavele, é simplesmente ridículo afirmar que foi ele o fundador da marrabenta e em 60/71. Se nesses anos a dança já tinha 13/14 anos de vida e nessa altura ele não a sabia tocar, como poderia ter sido o fundador?

A marrabenta, como tal, é uma versão mais próxima e mediata do xiromana e surge na última metade da década de 40, precisamente em 47/8, pelo menos na nossa área, Phulana (Polana Caniço A e B, actualmente). Esta certeza vem-nos do facto de, em 1948, Julho, termos concluído o exame da 4.ª classe

(únicos na área) e termos sido, por isso excepcionalmente autorizados, em casa, a assistir a marrabenta que, desde o ano anterior, se ensaiava e se evoluía à noite num campo de futebol próximo da casa.

Quando surgiu na nossa área, chamou-se, inicialmente, de «afinação matolicha», por nos ter chegado a informação de que provinha da Matola, mas, pouco tempo depois se divulgava o seu verdadeiro nome, tendo seguido mais ou menos a trajectória descrita por Ndjindji. Assim, na Matola, a dança segue o percurso Oeste-Norte-Sul, com estacionamento temporário em Marracuene, de onde toma a direcção da cidade através das terras ao longo da linha férrea, incluindo o bairro Phulana, como limita entre a área suburbana propriamente dita na altura e a cidade.

Em Marracuene, além de Dillon Ndjindji, a marrabenta encontra também um dos maiores expoentes, o malgrado Armando Mabaia. É, efectivamente, este, com um amigo de nome Muqantxi, igualmente excelente tocador de marrabenta, que introduzem, em 1947, esta dança na Polana Caniço, onde costumavam tomar a sua pinga aos sábados, quando de regresso às suas casas de combóio.

Na Polana Caniço, a marrabenta encontra igualmente grandes tocadores, como Alberto Machiana, já falecido, e Eugénio Caifaz Mulhule, vivo e a trabalhar no Clube Estrela Vermelha de Maputo. No bairro, a marrabenta estaciona 2 a 3 anos, irradiando-se para as proximidades, acabando por atingir a cidade por volta dos anos 50/1, como o refere Guideon. Estes anos são da sua introdução nos bairros periféricos (Tlavana, Malhangalene, Mafalala, Xipmaine, Chamanculo São José e Malanga) onde não foi muito fácil a sua aceitação, por se considerar dança do «ntlavane» (campesão de não-civilizados).

A introdução da marrabenta na cidade faz-se através de festas anuais, as «vindimas (canhú)», nos meses de Janeiro/Fevereiro, em que os cidadãos se deslocavam para Phulana, Mavota até Marracuene de um lado e para a Matola e Machava, de outro.

Nestes grandes convívios, os cidadãos faziam-se acompanhar de tocadores de violas que, em contacto com o Dillon e com outros, absorveram a marrabenta e a trans-

portam para as suas proveniências, onde a sua força acabou por se impor, não obstante a resistência dos «civilizados».

Dissemos que descordávamos do nosso amigo Guideon quando diz que o nome deriva da correlação com a pancadaira dos «mabandidos», porque a nossa versão é a de que o nome deriva dos movimentos e da «grafia» específicos da própria dança, um pouco diferente da sua «mãe» Xiromana.

Com efeito, a Xiromana dançava-se aproximadamente como a marrabenta, mas muito mais suavemente e a pares, abraçados.

A marrabenta genuína, a tocada ainda por Dillon Ndjindji e não a «burguesada», é quase sempre dançada um a um, frente-a-frente e raramente os dançarinos se abraçam aos pares, só o fazendo esporadicamente e por lapso, ou se se estiver já animado.

Acrescentamos que o nome provém, sobretudo, do grande vigor imprimido nas pernas cujos pés, descalços, revolvendo a terra, a rebeantem na sua execução e também na intensidade com que as cordas das violas eram rebeantadas. E aqui fica a nossa ache-ga tardia.

MANUEE COMICHE ALAGE (Maputo)



Foi com Zagueta que tudo nasceu

— afirma Jaime Francisco, que se considera um atento seguidor do percurso desta dança

JAIME Francisco, 51 anos, de idade, de acordo com as suas palavras «apaixonado inveterado da música e especialmente da marrabenta», não conseguiu ficar indiferente ao debate que se desenha e deslocou-se à nossa Redacção, com o fito de dar, também, a sua contribuição sobre a marrabenta.

Do muito que disse retemos — por que é isso que nós consideramos como interessando mais a este debate — a opinião que defende de que foi Zagueta, na então Associação Comoriana, ali na Mafalala, quem inventou a marrabenta.

— Ele inventou esta dança partindo de ma dança chamada «N'fena», de outra com o nome de «zucuta» e da rumba. «N'fena», dança-se com base na imitação das pernas do macaco; «zucuta», como o rebolar de uma abóbora misturada com rumba, a dança latino-americana disse Jaime Francisco. Demonstrando estar bem documentado sobre o assunto fez até questão de referir os acompanhantes de Zagueta nessa época: Daigo, a viola-solo. Ricardo a ritmo.

— Mais tarde, esta dança veio a ser apresentada na Associação Comoriana, sede dos naturais das

Ilhas Comores, Madagáscar e Tanganhica, isto em 1950. O nome apareceu fundamentalmente com a música «Ximamati», que, por ser boa, as pessoas por ela gritavam: toca, toca até arrebeantar os fios. Ou então, «rebeanta, rebeanta» e daí ficou o nome de marrabenta, elucidou.

Na opinião de Jaime Francisco, a pessoa que mais desenvolveu a marrabenta, através do seu agrupamento, foi, sem dúvida Yank Issufo, cujo conjunto adoptava o seu nome, «Yank Issufo», antes de passar a chamar-se «Djambu».

Considera que Dillon Ndjindji, cujo aparecimento reporto para os anos 60 e picos, foi o resultado da «psico-social», um departamento social colonialista que, de acordo com as suas palavras, coordenava a ora Nativa da Rádio Clube de Moçambique.

— Ndjindji teve uma actuação pública por essas alturas, na Casa da Cultura, que não foi muito bem recebida, porque a música dele era parada. Eu estive lá, e vi, disse.

Sobre Lisboa Matavele o nosso depoente afirma que este músico nunca tocou marrabenta e a digressão que fez pelo país foi através da «psico-social» ao serviço dos interesses colonialistas, disse a concluir.

Ndjindji e Matavele não têm razão nenhuma

SOU assíduo leitor do semanário «Domingo». Nisto, acompanhei as duas entrevistas de Lisboa Matavele e de Dillon Ndjindji, no tocante à origem da marrabenta.

Antes, tenho a dizer que sou pouco formado em conceitos musicais e sobre as origens de certas danças moçambicanas, que hoje se tornaram num património cultural nacional.

Mas o que está em causa é que, tanto um como o outro, estão a mentir descaradamente. O sr. Dillon Ndjindji diz-se «rei da marrabenta», e mesmo nas suas canções afirma-se como tal, mas nunca como inventor. Recordo-me de que, embora criança nesse tempo, Dillon andou em disputas musicais com o falecido Fany Fumo. Cada um procurava fazer-se diante do outro de melhor na marrabenta e não para fazer sentir que era o dono dela, ou o inventor.

Poderá a dança ter surgido do xiromani, segundo as suas palavras? Recordo-me também que, pelo tempo apareceram as danças twist, djiva mafuta e outras e pude-se explicar o comparar a marrabenta com elas, ou provindo delas. Por outro lado, o sr. Dillon Ndjindji afirma que o falecido Fany ganhou um concurso de dança de marrabenta na África do Sul. É prova evidente de que ela existia mesmo antes de ela ser música.

Pelo que a marrabenta é um património cultural nacional, com origem na zona sul, não é resultado da criação artística de não sei quem. Quem, então, criou o kigubo, ngalanga, xiparatwani e outras?

A terminar, exorto os demais a pronunciarem-se sobre este controverso assunto.

Artur Moisés da Conceição Salvador (Alto Maé — Maputo)